

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACUDADE DE EDUCAÇÃO

ELISABETE APARECIDA DE SOUZA

**“A influência da combinação afetividade-cognição na  
aprendizagem da educação infantil.”**

CAMPINAS  
2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ELISABETE APARECIDA DE SOUZA

**“A influência da combinação afetividade-cognição na  
aprendizagem da educação infantil.”**

Memorial apresentado ao curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS  
2006

A todos meus amigos e  
familiares que sempre  
me apoiaram.

## **Agradecimentos**

Agradeço a minha mãe, D. Aparecida, pelo imenso apoio, pelo incentivo e pela paciência a mim dedicada. Por muitas vezes quase desisti, e foi apoiada em seus braços que realizei meu sonho, se consegui chegar ao final desse curso foi por ela.

Agradeço também a meu filho Ericsson e a meu companheiro Wagner, por compreenderem minha ausência.

Até mesmo a dor, o ódio e o sofrimento são elementos  
estimuladores da construção do eu.

Heloyza Dantas

## Sumário

Apresentação.....	07
1. A afetividade.....	08
1.2. Algumas teorias sobre a afetividade na escola.....	08
1.3. Influências da afetividade na aprendizagem da Educação Infantil..	09
1.4. A afetividade e os conflitos no cotidiano escolar.....	14
2. A creche e os conteúdos pedagógicos.....	20
2.1. Entre o cuidar e o educar.....	21
3. A relação afetiva entre professor-aluno.....	22
4. Eu, minhas práticas pedagógicas e o PROESF.....	26
Conclusão.....	28
Referências Bibliográficas.....	29

## **APRESENTAÇÃO**

Neste memorial pretendo apresentar alguns aspectos que evidenciem a necessidade de um estudo aprofundado sobre a afetividade e suas relações com a educação infantil.

Na primeira parte tento explicitar minhas pesquisas sobre a afetividade na educação infantil, seguida de uma segunda parte, na qual falo sobre a creche como lugar em que ocorre o processo educacional e uma terceira parte que fala sobre a relação afetiva entre professor-aluno. E, por último, apresento a influência do PROESF sobre minha prática, minha conclusão sobre o tema que escolhi. Esse processo de construção será embasado em minhas opiniões, vivências e no conhecimento que adquiri durante o PROESF.

Coloco aqui que o afeto não se limita ao círculo familiar, acredito que o afeto é de extrema importância para os educadores em geral, mais especificamente para aqueles que trabalham com crianças de 0 a 6 anos.

## **1. A AFETIVIDADE**

Segundo o Dicionário Aurélio (1994), a afetividade está definida como: *Psicol. conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza.* Fica claro então que a afetividade exerce um papel fundamental nas relações de aprendizagem, pois influencia decisivamente a percepção, a memória, o pensamento, a vontade e as ações, tornando-se assim essencial para a harmonia e o equilíbrio da personalidade humana.

É a afetividade que valoriza e representa nossa realidade, é capaz de representar um ambiente cheio de gente como se fosse ameaçador, de nos fazer imaginar que pode existir algo ameaçador dentro de um quarto ou ainda, produzir pânico ao nos fazer imaginar que podemos morrer de repente. A afetividade valoriza tudo em nossa vida, tudo aquilo que está fora de nós, como os fatos e acontecimentos, bem como aquilo que está dentro de nós, como nossos medos, nossos conflitos, nossos anseios etc. A afetividade permeia todos os nossos valores, os fatos e acontecimentos de nosso passado e nossas perspectivas futuras.

### **1.2. ALGUMAS TEORIAS SOBRE A AFETIVIDADE NA ESCOLA**

É necessário amor, aceitação e carinho para que a criança possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado, assim o professor é quem prepara e organiza o meio no qual se dará essa busca, visando despertar o interesse das crianças. A postura do professor diante deste despertar deve ser a mais afetiva possível, pois se manterá atento e sensível aos interesses das crianças que, em cada idade, diferem em seu pensamento e modo de sentir o mundo.

Lev Vygotsky defende a teoria de que a organização dinâmica da consciência aplica-se ao afeto e ao intelecto. Vygotsky explica que o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, na qual estão inseridos o afeto e a emoção. Neste contexto está tudo ligado, sendo a razão fruto de um pensamento emocional, assim, uma compreensão completa do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afetiva.

Apesar de Vygotsky não aprofundar em sua teoria questões sobre afetividade, evidencia a importância das conexões entre as dimensões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico humano e propõe uma unificação dessas dimensões na educação.

Por sua vez, na psicogenética de Henry Wallon, a dimensão afetiva está no centro de tudo, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento.

Para Wallon, a emoção ocupa um papel mediador no processo de desenvolvimento infantil, pois esse processo se realiza nas interações, que tem por objetivo a satisfação das necessidades básicas e também a construção de novas relações sociais, sendo a emoção predominante sobre quaisquer outras atividades. As interações emocionais devem possibilitar que a criança amplie seus horizontes e a leve a transcender sua subjetividade para assim inserir-se no social. Na concepção de Wallon, tanto a emoção quanto a inteligência são importantes no processo de desenvolvimento da criança, de forma que o professor deve aprender a lidar com o estado emotivo da criança para melhor poder estimular seu crescimento individual.

### **1.3. Influências da afetividade na aprendizagem da Educação**

#### **Infantil**

A Educação Infantil foi vista durante um grande intervalo de tempo como uma forma de cuidar, sendo assim deixada em segundo plano, não contando com nenhuma preocupação no que diz respeito ao caráter pedagógico que está inserido em todo contexto educacional. Na maioria das vezes, era tida como ocupação “menor” e seus principais agentes, os monitores, vistos apenas como “tutores” da infância, numa concepção em que o “cuidado” era estabelecido em detrimento ao “pedagógico”.

Por um longo tempo o único conhecimento exigido para esses monitores era o ensino fundamental; assim, sua única responsabilidade para com aquelas crianças era estritamente assistencial.

Porém, atualmente, muito se discute sobre Educação Infantil, passando-se a exigir no mínimo o curso normal a nível médio para os monitores, pois a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n.º 9394/96) – a colocou em pé de igualdade com o Ensino Fundamental e Médio, os três compondo a modalidade de

ensino que se convencionou chamar de Educação Básica. Sobre a Educação Infantil, especificamente, a LDB assim se expressa:

*A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.*

(CAP II; SEÇÃO II; ART. 29- LDB)

Mesmo não sendo obrigatória, o cidadão tem seu direito à Educação Infantil - primeira etapa da Educação Básica - garantido pela lei citada acima em quase todos os estados brasileiros, devendo ter acesso, permanência e qualidade de ensino.

Quanto a esses aspectos, a questão “acesso-permanência” está garantida, porém, quanto à qualidade, pode-se dizer que temos “falhas” em âmbito nacional, estadual e municipal.

Falando-se de qualidade na modalidade da Educação Infantil, a questão da afetividade passa a fazer parte do cotidiano educacional. Estudos realizados deixam claro que a afetividade está intimamente ligada a aprendizagem infantil, sendo que as emoções e os sentimentos têm sido muito estudados. Para Wallon, a afetividade têm papel preponderante no desenvolvimento da pessoa. É por meio dela que o aluno exterioriza seus desejos e suas vontades. As transformações fisiológicas de uma criança (ou, nas palavras de Wallon, no seu *sistema neurovegetativo*) revelam traços importantes de caráter e personalidade, sendo a afetividade um dos principais elementos do desenvolvimento humano.

A partir daí fica claro que o conhecimento dos sentimentos e emoções requer ações cognitivas, que pressupõe a presença dos aspectos afetivos. Apoiada em minha vivência dentro da creche, acredito que os aspectos afetivos e cognitivos não podem ser separados e com isso nada justifica procurarmos saberes essencialmente racionais ou sensíveis, o ser humano é composto por um todo, sem distinção.

No interior da vida escolar, os alunos terão que vivenciar momentos que potencialmente geram crescimento, que vão certamente ter implicações afetivamente marcantes em seu desempenho pedagógico, interferindo profundamente na relação estabelecida entre professores e alunos.

A criança de 0 a 3 anos necessita muito mais da compreensão, do afeto do professor, pois nesta fase a criança desenvolve segundo Galvão (1995) fases com predominância afetiva e cognitiva tais como:

*Desenvolvimento impulsivo-emocional, que ocorre no primeiro ano de vida. A predominância da afetividade orienta as primeiras reações do bebê às pessoas, às quais intermediam sua relação com o mundo físico; Sensório-motor e projetivo, que vai até os três anos. A aquisição da marcha e da compreensão, dão à criança maior autonomia na manipulação de objetos e na exploração dos espaços. Também, nesse estágio, ocorre o desenvolvimento da função simbólica e da linguagem. O termo projetivo refere-se ao fato da ação do pensamento precisar dos gestos para se exteriorizar. O ato mental "projeta-se" em atos motores. Como diz Dantas (1992), para Wallon, o ato mental se desenvolve a partir do ato motor; Personalismo, ocorre dos três aos seis anos. Nesse estágio desenvolve-se a construção da consciência de si mediante as interações sociais, reorientando o interesse das crianças pelas pessoas;*

(Galvão, 1995)

A partir desse panorama, acredito que a Educação Infantil deva ser muito mais que brincadeiras, tornando-se cada vez mais informativa, devendo estabelecer conteúdos formativos em todos os seus ângulos. Assim, para além dos conceitos a serem transmitidos, a escola infantil deve passar a ter como preocupação as necessidades de aprendizagem dos alunos e, sobretudo, as necessidades da sociedade como um todo. Não que as brincadeiras tenham perdido sua importância, mas seu status sofreu um forte deslocamento na sociedade da aprendizagem e da informação.

As aulas ministradas, desde a mais tenra idade, devem levar em consideração as novas exigências sociais e, ao mesmo tempo, garantir a aprendizagem fazendo uma “ponte” entre tradição e inovação. Noções de convívio, de práticas sociais e relacionais saudáveis, de solidariedade e de cooperação podem e devem ser trabalhadas desde a Educação Infantil, para que, além das habilidades de “saber” e “saber fazer”, as quais a escola já vem tentando garantir, transformem a escola em um contexto de educação e socialização, para isso é necessário observar dois importantes aspectos para a promoção de uma boa educação: a qualidade e a quantidade.

As interações em sala de aula são constituídas por um conjunto complexo de variadas formas de atuação que se estabelece entre as partes envolvidas. A mediação do professor em sala de aula, seu trabalho pedagógico, tudo faz parte desse papel. Sendo assim, a escola deve proporcionar formação integral (intelectual, afetiva e social) às crianças. Em se tratando de afetividade na educação existe uma teoria pedagógica,

teoria essa que diz que o desenvolvimento intelectual envolve muito mais do que um simples cérebro. Henri Wallon foi o primeiro a levar não só o corpo da criança, mas também suas emoções, para dentro da sala de aula. Baseou suas idéias em quatro elementos básicos que se comunicam o tempo todo: a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu como pessoa.

Segundo Wallon, a afetividade é anterior ao desenvolvimento e as emoções têm papel predominante no desenvolvimento da pessoa, é por meio delas que o aluno exterioriza seus desejos e suas vontades. Em geral são manifestações que expressam um universo importante e perceptível, mas pouco estimulado pelos modelos tradicionais de ensino. As transformações fisiológicas de uma criança revelam traços importantes de caráter e personalidade. A raiva, a alegria, o medo, a tristeza têm funções importantes na relação da criança com o meio, a emoção causa impacto no outro e tende a se propagar no meio social, pois é altamente orgânica, altera a respiração, os batimentos cardíacos e até o tônus muscular, existem momentos de tensão e distensão que ajudam o ser humano a se conhecer, a afetividade é um dos principais elementos do desenvolvimento humano. Desta forma, nessa teoria, acredita-se que a afetividade é um ponto de partida para o desenvolvimento do indivíduo, e evolui de acordo com a diversificação do meio social ao qual o indivíduo está exposto, tornando-se moral, então a organização dos espaços se torna primordial para que o desenvolvimento se manifeste. A motricidade, portanto, tem caráter pedagógico tanto pela qualidade do gesto e do movimento quanto por sua representação, a partir daí a disposição do espaço deve ser diferente para assim quebrar a rigidez e a imobilidade adaptando a sala de aula, desta forma as crianças poderão se movimentar, deve-se ater também à que tipo de material é disponibilizado para os alunos numa atividade lúdica ou pedagógica, pois segundo as idéias de Wallon, a escola têm que deixar de imobilizar a criança numa carteira, limitando justamente a fluidez das emoções e do pensamento, tão necessária para o desenvolvimento completo da pessoa.

Na obra Walloniana, afetividade e inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, estudos realizados por Wallon mostram que o desenvolvimento da inteligência depende essencialmente de como cada uma faz as diferenciações com a realidade exterior. Primeiro porque, ao mesmo tempo, suas idéias são lineares e se misturam, ocasionando um conflito permanente entre dois mundos, o interior, povoado de sonhos e fantasias, e o real, cheio de símbolos, códigos e valores sociais e culturais.

Nesse conflito entre situações antagônicas ganha sempre a criança. É na solução dos confrontos que a inteligência evolui, a mistura de idéias num mesmo plano, bastante comum nessa fase, é fator determinante para o desenvolvimento intelectual. Daí se estabelece um ciclo constante de boas e novas descobertas. Essas descobertas levam a construção do eu, que na teoria de Wallon depende essencialmente do outro. Seja para ser referência ou para ser negado, principalmente a partir do instante em que a criança começa a viver a chamada *crise de oposição*, em que a negação do outro funciona como uma espécie de instrumento de descoberta de si própria. Isso se dá aos 3 anos de idade, a hora de saber que "eu" sou. A manipulação (agredir ou se jogar no chão para alcançar o objetivo), sedução (fazer chantagem emocional com pais e professores) e imitação do outro são características comuns nessa fase, como diz Heloisa Dantas *até mesmo a dor, o ódio e o sofrimento são elementos estimuladores da construção do eu*, isso justifica o espírito crítico da teoria walloniana aos modelos convencionais de educação.

O castigo, a reprova são sinônimos de expulsar, negar, excluir. Ou seja, a própria negação do ensino, é necessário que saibamos “ler” as ações dos alunos, pois cada ação tem seu significado e não pode de modo algum ser ignorada. Sendo assim é necessário que se humanize a inteligência, propondo um desenvolvimento intelectual dentro de uma cultura mais humanizada. A abordagem é sempre a de considerar a pessoa como um todo. Elementos como afetividade, emoções, movimento e espaço físico se encontram num mesmo plano. As atividades pedagógicas e os objetos, assim, devem ser trabalhados de formas variadas. Numa sala de leitura, por exemplo, a criança pode ficar sentada, deitada ou fazendo coreografias da história contada pelo professor. Os temas e as disciplinas não se restringem a trabalhar o conteúdo, mas a ajudar a descobrir o eu no outro. Essa relação dialética ajuda a desenvolver a criança em sintonia com o meio.

Baseada em minha prática pedagógica percebo que quando professores gritam, ou impõem sua autoridade em sala de aula, limitam a aprendizagem e evolução do aluno. Sabemos que ainda é um desafio para muitas escolas, pais e professores perceberem quão importante é a afetividade na educação, pois essa concepção faz resistência aos métodos pedagógicos tradicionais. Numa época de crises, guerras, separações e individualismos como a nossa, é necessário começarmos a pôr em prática nas escolas idéias mais humanistas, que valorizem desde cedo a importância das emoções.

#### **1.4. A afetividade e os conflitos no cotidiano escolar**

A afetividade também se mostra nos conflitos no cotidiano escolar, pois esses conflitos também fazem parte da construção do eu. Discutiremos aqui os conflitos que se apresentam especificamente na relação entre professores e alunos e entre os próprios alunos.

Os conflitos são uma situação de confronto entre duas ou mais forças, uma total ausência de conflitos somente pode ser forjada, mesmo assim muito aparentemente, um dos principais desafios da democracia consiste em desenvolver mecanismos de explicitações e mediação de conflitos, sem que eles se traduzam em violência ou em desagregação da sociabilidade.

Ao se afirmar que os conflitos são inerentes à vida psíquica, busca-se ressaltar duas dimensões em que eles se manifestam: a intrapsíquica e a psíquica.

A intrapsíquica, que segundo Freud apresenta o ser humano como alguém que se encontra com as *dualidades pulsionais*, pulsões de vida, morte, conflitos que existem primordialmente no sujeito, mesmo que não se traduzam em confrontos com outros sujeitos.

O conflito cognitivo que media a aprendizagem é importantíssimo para a criança, pois é onde ela passa de uma hipótese do conhecimento para outra. Esse confronto faz com que a criança dê um salto qualitativo.

A alternância entre *equilíbrio e desequilíbrio* é que constitui a aprendizagem e o conhecimento. Segundo Wallon o conflito está presente em vários planos, tanto intrapsíquico como intrasubjetivo. Para que o sujeito construa uma consciência de si é necessário entrar em conflito com o outro, pois esse conflito com o outro é um movimento fundamental para a diferenciação do eu, para o crescimento individual.

No interior da vida escolar, os alunos terão que vivenciar momentos que potencialmente geram crescimento, então cabe ao educador administrar a complexidade de forças em conflito no cotidiano escolar.

Na escola podemos identificar três tendências no modo como lidar com os conflitos, essas tendências são camuflá-lo, buscar resolvê-los sem entendê-los atribuindo toda responsabilidade ao aluno ou vivenciar essa eclosão como demonstração

de um fracasso da ação educacional. Essas ocorrências tendem a desestruturar o professor, resultando como uma suposta incompetência.

Para resolver os conflitos é necessário compreender seus sentidos. Eximir-se dessa atitude é algo que contribui para a violência, o fracasso dos alunos, o estresse do professor e a frustração da escola, a violência e a tensão decorrem de conflitos não explicitados, todos os profissionais da vida escolar fazem parte destes conflitos.

Os conflitos podem ser positivos e negativos e representam sintomas, indícios de desajustes nas práticas escolares. Os conflitos negativos de uma forma geral estão ligados à questões disciplinares específicas de sala de aula e produzem desgastes tanto para o aluno como para o professor, mas por trás de cada transgressão há atos portadores de sentido.

Há soluções para conflitos e desajustes pedagógicos, é necessário que se modifiquem aspectos no contexto pedagógico, pois quando se permite olhar para esses contextos propiciam-se ganhos significativos.

Em relação aos espaços físicos da escola percebe-se que quando não há condições de mobilidade o conflito se torna muito mais presente, pois a possibilidade de estar fazendo alguma coisa favorece significativamente a dinâmica do trabalho em sala de aula.

Existe na educação uma forte tradição na qual diz que a aprendizagem somente ocorre quando o professor ensina diretamente controlando todas as atividades, em maior grau de autonomia depende de maior partilha desse controle de atividade.

Quando a rotina escolar não cria momento de descontração, não se demonstra aberta ao aluno, quando não há afetividade e envolvimento no âmbito educacional há descontrole em relação à disciplina, então é fundamental pensar em dividir responsabilidades na sala de aula, não deixando o professor como peça central da aprendizagem, ele passa a ser um auxiliar, isso não anulará o papel do professor, mas melhorará os conflitos em sala de aula.

É necessário o professor ter um olhar mais atento ao conteúdo das atividades propostas, a clareza de propósitos auxilia e favorece o desenvolvimento dos alunos.

Trataremos agora dos conflitos na vida psíquica, esses conflitos são positivos. Conflitos como negar o outro se dá para a diferenciação do eu, e nesse sentido a ausência de conflito seria preocupante. No processo de construção, negar o outro é a procura do desejo próprio. Sinalizar diferenças é um modo de esboçar identidade, a

negação do outro é um recurso que se encontra permanentemente à disposição do sujeito para sua diferenciação.

Na escola essa realidade potencializa os conflitos, não é à toa que em muitas salas o professor sente dificuldades chegando a se desorganizar internamente, ora se vê como um fracasso completo, ora estigmatiza aquelas classes como de alunos desqualificados e inaptos. Há uma dimensão do conflito que se explicita apenas com o passar do tempo e o amadurecimento das partes. Nem sempre fica suficientemente claro o limite entre o que parece uma genuína insistência argumentativa e o que muitas vezes é apenas um movimento polarizador destinado a fomentar a configuração da identidade pessoal.

O fato de a escola muitas vezes não oportunizar a fala, o espaço e a afetividade do aluno cria uma enorme tensão. A escola cresce a partir do momento que cria momentos de discussões com o aluno, o aluno constrói uma posição, da razão a energias expressivas, sem esses momentos essas energias serão exteriorizadas por condutas agressivas e mesmo por ato de vandalismo.

Cabe ao professor permitir que os alunos se expressem, assegurando a organização e descentralização dos espaços da fala.

É fundamental que os olhares estejam aguçados para compreender a diversidade dos conflitos lembrando-se sempre que nem todos os conflitos que ocorrem na escola são próprios da instituição de educação. Muitos se originam de fato da dinâmica social, mas grande parte desses problemas deságuam na escola. É um grave engano pensar que a escola pode enfrentá-los sozinha, há necessidade de parcerias institucionais competentes para juntos propiciar a solução dos problemas.

Existe ainda hoje, muita polêmica sobre o papel da escola no desenvolvimento infantil, mesmo com a ampliação sobre concepções de aprendizagem, questões sobre o ponto de vista do risco e da proteção são frequentemente colocadas no meio educativo.

A escola é considerada como uma oportunidade fundamental para a socialização de jovens na cultura ocidental moderna, sendo assim a função de professores e profissionais da área não é a de apenas ensinar conteúdos acadêmicos, atualmente todos nos tornamos também agentes de educação para a vida e o exercício da cidadania.

Espera-se que os professores da atualidade ofereçam às crianças oportunidades de vínculos com o cotidiano, a troca de afeto e o equilíbrio de poder são exemplos dessas oportunidades. Crianças e adolescentes fazem parte de diferentes etapas do

desenvolvimento humano, sendo assim os professores devem estar preparados para inserir ambos na sociedade, tornando-os cidadãos produtivos. Para que isso aconteça é necessário que a escola reconheça que faz parte de suas funções lidar com o afeto e com as mais variadas formas de expressão da criança pela ação.

O professor deve ver ensinar e aprender como uma única palavra, promovendo assim mais que conhecimento acadêmico, transformando a escola em um contexto de educação e socialização, todo o contexto social, a afetividade e os conflitos servem para definir um ideal, uma escola que seja realmente produtiva, atualmente são observados índices alarmantes de desvalorização da educação, essa desvalorização reflete-se na baixa remuneração dos profissionais da educação, na falta de apoio para melhor formação dos professores e esses motivos nos tornam cada vez mais funcionários desmotivados e despreparados.

Todos esses fatores influenciam na educação, vários fatores como esses impedem a escola de cumprir com sua principal função, a escola deve ser um espaço de aprendizagem e proteção.

A entrada na escola é uma importante passagem no ciclo vital, problemas no processo de adaptação escolar também são indicadores de risco para o desenvolvimento posterior, tal transição está intimamente ligada ao estresse, pois nessa fase crianças experimentam momentos de desajustamento, até poderem produzir estratégias de adaptação.

A escola é um ambiente desafiador para a criança, promovendo situações didáticas, em grupo ou individuais, adequação a uma nova rotina, complexidade nas relações interpessoais, por tudo isso a convivência escolar pode ser considerada um desafio. A falta de diálogo, de aproximação e afetividade proporcionam uma compreensão incompleta da realidade da educação. É necessário avaliarmos todos os fatores para assim perceber que pessoas têm necessidades interpessoais que demandam tipos específicos de relacionamentos, a personalidade, a interação, todos esses fatores contribuem positiva ou negativamente para o desenvolvimento cognitivo e sociocognitivo.

Quando inseridas no contexto escolar, crianças se deparam com situações nas quais elas sentem necessidade de se auto avaliar, de se comparar para assim terem uma auto-afirmação. Crianças com relações positivas no contexto escolar se sentirão mais confortáveis e confiantes, aproveitando as oportunidades sociais. Crianças com relações

negativas no contexto escolar tendem a desenvolver atitudes negativas frente à escola, se sentirão desvalorizadas e desmotivadas tornando-se menos receptivas às oportunidades sociais.

A pouco tempo vem sendo desenvolvidos maiores estudos sobre as conseqüências das relações professor/aluno, uma relação conflituosa entre adulto e a criança tende a ser um verdadeiro obstáculo para adaptação escolar sadia.

Entre os maiores problemas estão as agressões verbais de professores para com alunos. Agressões verbais como grito revelam a falta de preparo de tais professores para lidar com determinadas situações no cotidiano escolar. A falta de afeto denuncia um sistema educacional que falha em exercer seu papel na rede de apoio social e protetiva destas crianças, outro fato que denuncia o despreparo do educador é a inação, isso também é um indicio de dificuldades.

Tratando agora das interações aluno/aluno considero que a amizade e a intimidade nas relações quando existe afeto aumenta a auto-estima, implicando benefícios importantes para o desenvolvimento psicossocial das crianças. Ao contrário da relação de amizade, a vitimação e a rejeição por parte dos companheiros da escola podem causar riscos na aprendizagem e adaptação das crianças no cotidiano escolar.

A agressão e a rejeição não são facilmente superadas, alunos vitimados tendem a apresentar problemas comportamentais e afetivos. Apesar deste ser um problema muito antigo, só agora algumas pessoas resolveram estudar o problema. Muitos professores, apesar de perceberem o problema, preferem não se colocar frente a esse dilema vivido por seus alunos, essa reação apenas reforça a existência do problema. Nós professores devemos deixar de ignorar um problema como esse em sala de aula e trabalhar com nossos alunos para que isso não ocorra mais, devemos deixar de inagir, pois a escola é o maior contexto para que ocorra vitimação, e este problema está correlacionado aos problemas acadêmicos e a uma visão negativa acerca da escola. Devemos agir quando percebermos que algo assim está acontecendo, e nos “policiarmos” para não cometermos o erro de discriminar nossos alunos, mesmo que ao colocarmos um apelido em um de nossos alunos não tenhamos a intenção de causar problemas ou constrangimento isso acontece, é necessário que nós professores saibamos como prevenir e intervir, conscientizando funcionários e alunos sobre os problemas que essas ações acarretam.

Pensar e sentir são ações totalmente indissociáveis, sendo assim podemos tratar a questão da afetividade na escola de duas formas:

Como uma concepção centrada na justaposição dicotômica entre cognição e afetividade ou concebe de forma intrínseca relação entre o processo cognitivo e afetivo no funcionamento psíquico humano.

A partir daí acredito que o conhecimento dos sentimentos e emoções requer ações cognitivas, que pressupõe a presença dos aspectos afetivos. Acredito que os aspectos afetivos e cognitivos não podem ser separados e com isso nada justifica procurarmos saberes essencialmente racionais ou sensíveis, o ser humano é composto por um todo, sem distinção.

Vários pensadores e filósofos postularam uma suposta dicotomia entre a razão e a emoção, essas dicotomias permanecem intrínsecas em nossa sociedade até hoje quando dizemos: “use a cabeça e não o coração” etc. e assim fica-se a impressão de que por uma resolução sensata devemos desprezar a dimensão afetiva.

Nessa perspectiva o papel da afetividade é funcional na inteligência, configurando-se de acordo com o modo de vida predominante para o sujeito, é também imprescindível no desenvolvimento do eu, existem várias opiniões definidas sobre afetividade, e assim surgem varias pesquisas referentes ao tema onde podemos vislumbrar que o nosso estado de espírito influencia em nossas decisões, pensamentos e ações.

As emoções não são obstáculos a serem enfrentados, e sim parte de nossa aprendizagem, para abrangermos a realidade educacional sobre a dimensão afetiva devemos refletir sobre duas perspectivas diferentes, o desejo e o objetivo. O desejo é o motivo e o objetivo é o onde queremos chegar, através dessas perspectivas temos que trabalhar procurando o melhor caminho para a promoção da proposta pedagógica utilizando técnicas para a resolução de conflitos no cotidiano escolar.

Apesar da presença constante dos conflitos em nossas vidas a sociedade ainda os vê como problemas a serem resolvidos e não como meios para o crescimento pessoal. Nós professores devemos considerar que os sentimentos, as idéias de valores, devem ser encarados como algo construtivo que fará nossos alunos conhecerem um “eu” mais profundo, expressarem seus conflitos, sentimentos e afetos os levará a aprender controlar seus próprios sentimentos e talvez esse seja um dos aspectos mais difíceis na resolução de seus conflitos.

A escola deve estar preparada para auxiliar o aluno na resolução desses conflitos, pois da mesma forma que o ser humano aprende a somar, a conhecer a natureza, se apropria da escrita, é fundamental que ele aprenda a se conhecer, a conhecer e respeitar seus colegas, a aceitar as diferenças dos outros, reconhecer a causa de seus conflitos e as conseqüências de seus atos.

É tarefa da escola e da sociedade fazer com que nossos alunos e filhos não se tornem analfabetos emocionais. Acredito que seja função da escola tornar o espaço interativo dos alunos locais onde cada um possa expressar sua opinião, se sentir valorizado é o primeiro passo para compreensão de si mesmo, e do respeito pelo próximo. Assim todos compreenderão suas necessidades afetivas e trabalharão em equipe para ajudar-se mutuamente. A aproximação do eu com o outro é de fundamental importância para o desenvolvimento da afetividade.

## **2. A creche e os conteúdos pedagógicos**

Em se tratando das possibilidades de uma pedagogia para a educação infantil em creches e pré-escola, são destacadas diferentes funções da escola e diferentes perspectivas pedagógicas. A educação infantil *“tem como objeto as relações educativas travadas num espaço de convívio coletivo que tem como sujeito a criança de 0 a 6 anos de idade.* (Rocha, 1999, p. 61).

Partindo dessas especificidade fica claro que o conhecimento e aprendizagem são partes integrantes da Educação Infantil, sendo assim, o conhecimentos adquirido na educação das crianças pequenas associa-se ao processo de constituição destas crianças, tais como: *“a expressão, o afeto, a sexualidade, a socialização, o brincar, a linguagem, o movimento, a fantasia, o imaginário, ... as suas cem linguagens”* (Rocha, 1999, p. 62).

Segundo Rocha (1999), várias áreas como a filosofia, a história, a sociologia e a antropologia contribuem para a construção do conhecimento pedagógico, especialmente, da criança. Tais áreas dão suporte para a definição de uma Pedagogia da Educação Infantil, além de evidenciarem a limitação e a insuficiência das orientações baseadas na padronização.

Sendo assim, o conhecimento psicológico deixa de ser o único ponto de referência para uma intervenção pedagógica e, ao associar-se às áreas acima

mencionadas, expande sua perspectiva, propiciando uma abordagem dos processos de desenvolvimento humano a partir de relações com a sociedade e a cultura.

## **2.1. Entre o cuidar e o educar**

As práticas desenvolvidas entre adultos e crianças de zero a três anos, no contexto das creches, são relações que envolvem muitos aspectos. Em minha prática como educadora de creche observo que esses aspectos, tais como os princípios e valores constituídos em uma esfera cultural, familiar e social, estão intimamente interligados.

Como resultado dessa diversidade, definem-se – ao longo da história, ou mesmo concomitantemente – diferentes funções para as creches no contexto social brasileiro. A creche frequentemente é usada como recurso social para a mãe trabalhadora, ou para prevenir o fracasso escolar das crianças mais pobres, em último caso é vista como uma instância educativa, que contribui para uma sociedade mais justa e um exercício de cidadania em prol da população infantil.

A junção do cuidar a do educar na creche terá, ainda, um longo caminho a ser percorrido, é necessário que todos preocupem-se com os aspectos relativos aos cuidados básicos da criança, e que também incluam propostas educativas articuladas aos cuidados básicos, por profissionais da educação, ou seja, professores.

A partir de minhas experiências enquanto monitora de creche percebo que a ação de cuidar poderia estar incluída nas propostas pedagógicas e na prática cotidiana dos educadores/professores, que compõem o quadro de profissionais que atuam hoje em nosso sistema educacional. O cuidar deve ser compreendido como uma atitude que envolve tanto aspectos afetivos/emocionais, quanto cognitivos, como pensar, refletir, planejar; ou seja, quando se compreende o cuidar como uma ação racional, estamos considerando que é possível educar cuidando.

As práticas que observo – a partir da realidade concreta que vivo hoje dentro da creche – buscam refletir sobre as possibilidades de uma pedagogia de infância que integre os cuidados em uma proposta educativa.

### **3. A relação afetiva entre professor-aluno**

Muitos autores vêm ao longo da história defendendo que o afeto é indispensável para o ato de ensinar, algumas pesquisas contribuem para a discussão da relevância da dimensão afetiva na constituição do sujeito e na construção do conhecimento.

Embora os fenômenos afetivos sejam de natureza subjetiva, isso não os torna independentes da ação do meio sociocultural, pois é possível afirmar que estão diretamente relacionados com a qualidade das interações entre os sujeitos, enquanto experiências vivenciadas.

Em sala de aula tenta-se descobrir qual é o papel do professor, direcionando o olhar para relação que se desenvolve entre professor e aluno. As interações em sala de aula são constituídas por um conjunto complexo de variadas formas de atuação que se estabelece entre as partes envolvidas, a mediação do professor em sala de aula, seu trabalho pedagógico, tudo faz parte desse papel, assim podemos dizer que a afetividade não se limita a carinho físico, muitas vezes se dá em forma de elogios superficiais, é importante destacar essa forma de afetividade, pois às vezes nem a percebemos, pequenos gestos e palavras são maneiras bastante refinadas de comunicação afetiva.

Embora pesquisas tenham enfatizado a questão da afetividade entre professor e aluno, principalmente em contextos verbais, é possível também, perceber que a afetividade se expressa através de outras dimensões no trabalho pedagógico desenvolvido em sala de aula. Na realidade, é possível afirmar que a afetividade está presente em todos os momentos ou etapa do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor. Pensando em um professor que vai desenvolver determinado conteúdo com seus alunos, seja com qualquer faixa etária, à sempre decisões as quais ele assume em seu planejamento, que vão certamente ter implicações afetivamente marcantes em seu desempenho pedagógico, interferindo profundamente na relação estabelecida entre ele e seus alunos.

Todas essas ações são mediadas pela afetividade do professor. Percebe-se então que todas as decisões tomadas pelo professor têm o respaldo da afetividade, constituindo-se o afeto como fator fundante das relações que se estabelecem entre os alunos, os conteúdos escolares e os professores. O afeto na mediação, portanto, é um dos principais fatores, sendo determinante da qualidade dos vínculos que se estabelecerão entre sujeito, mediador e o objeto do conhecimento.

O ato de ensinar e de aprender envolve certa cumplicidade do professor, a partir do planejamento de suas decisões de ensino assumidas, mas tal cumplicidade também se constrói nas interações, através do que é falado, do que é entendido, do que é transmitido e captado pelo olhar, pelo movimento do corpo que acolhe, escuta, observa e busca a compreensão do ponto de vista do aluno.

Cabe ao professor planejar e executar suas aulas para que seus alunos criem vínculos positivos entre si e os conteúdos escolares.

Quando um professor apenas transmite um conteúdo ao aluno, sem nexos, sem que o aluno assimile afetivamente aquele conteúdo nada será aprendido, o professor tem a tarefa de tornar os conteúdos interessantes aos olhos dos alunos, utilizando-se de estratégias para essa assimilação. Tendo a oportunidade de trabalhar internamente aspectos emocionais, através de métodos pedagógicos, tanto aluno quanto professor tem a chance de ter algum domínio sobre seu inconsciente, elaborando seus conflitos e dificuldades de uma maneira mais espontânea, natural e sem coações, buscando nessas atividades resoluções para suas angústias.

Planejamento, improvisações, pequenos gestos como sorrir, escutar, refletir, respeitar, são entre tantos outros, necessidades que levam o sujeito a investir na afetividade, que é o “combustível” necessário para a adaptação, o conhecimento e o desenvolvimento da criança.

Em se tratando de educação infantil, a relação da professora com os alunos e com cada um em particular é constante, dá-se o tempo todo, na sala, no pátio ou durante as atividades, e por essa proximidade afetiva é que se dá a interação com os objetos e a construção do conhecimento.

Saltini (1997, p. 89) afirma que, *essa inter-relação é o fio condutor, o suporte afetivo do conhecimento.*

O referido autor complementa:

*Neste caso, o educador serve de continente para a criança. Poderíamos dizer, portanto, que o continente é o espaço onde podemos depositar nossas pequenas construções e onde elas tomam um sentido, um peso e um respeito, enfim, onde elas são acolhidas e valorizadas, tal qual um útero acolhe um embrião*

(SALTINI, 1997).

As experiências afetivas nos primeiros anos de vida são determinantes para que a pessoa estabeleça padrões de conduta e formas de lidar com as próprias emoções, logo

a qualidade dos laços afetivos é muito importante para o desenvolvimento físico e cognitivo da criança. Para a criança, desde a creche, a escola torna-se o centro da vida extra-familiar, os professores responsáveis, os métodos de ensino e tudo a que são expostas envolvendo-as desde a entrada para a vida educacional, terá um efeito muito importante, não apenas para o processo acadêmico, como também em sua capacidade geral para encarar a vida, dominar seus medos, resolver seus problemas e desafios novos, levando o educando à auto-confiança e auto-estima. Sendo assim, é necessário que a criança tenha um desenvolvimento saudável e adequado dentro do ambiente escolar, a relação interpessoal positiva que o aluno constrói com o professor, como aceitação e apoio, possibilita o sucesso dos objetivos educativos.

Durante todo meu processo de formação no PROESF, pude perceber e compreender quais os melhores métodos de trabalho, me aperfeiçoando para ser uma educadora melhor afinal, como educadores, é nosso dever nos atentarmos para o fator afetivo na relação educador-educando, pois se nos omitirmos desta responsabilidade corremos o risco de estarmos trabalhando com a construção do real, do conhecimento, deixando de lado o trabalho da constituição do sujeito, que envolve valores e caráter, necessários para o seu desenvolvimento integral. Devemos atentar para o fato de que a escola é o primeiro agente socializador fora do círculo familiar da criança, sendo assim torna-se a base da aprendizagem e deve oferecer todas as condições necessárias para que a criança sinta-se segura e protegida. Portanto, é imprescindível a presença de um professor ciente de sua importância não apenas como um mero transmissor de conhecimentos, e sim como um agente transformador com uma visão crítica da realidade da criança, pois esta ao entrar na escola pela primeira vez rompe com sua realidade de vida para iniciar-se em uma nova experiência, experiência esta que deverá ser agradável, tornando possível um reforço da situação.

Em meu dia-a-dia pude observar que quando a criança percebe que a professora gosta dela, e que a professora apresenta determinadas qualidades como paciência, dedicação e vontade de ajudar, a aprendizagem torna-se mais fácil, ao perceber os gostos da criança, o professor deve utilizar-se de suas aptidões para estimular seu aluno ao máximo, ajudando assim em seu processo de aprendizagem. Um professor autoritário, que não percebe as dificuldades de seus alunos apenas causaria inimizade e desinteresse que leva o aluno a perder a motivação e o interesse por aprender.

Sobre isso Chardelli comenta:

*A todo momento, a escola recebe crianças com auto estima baixa, tristeza, dificuldades em aprender ou em se entrosar com os coleguinhas e as rotulamos de complicadas, sem limites ou sem educação e não nos colocamos diante delas a seu favor, não compactuamos e nem nos aliamos a elas, não as tocamos e muito menos conseguimos entender o verdadeiro motivo que as deixou assim. A escola facilita o papel da educação nos tempos atuais, que seria construir pessoas plenas, priorizando o **ser** e não o **ter**, levando o aluno a ser crítico e construir seu caminho.*

(Chardelli,2002)

Em se tratando de crianças pequenas, 0 a 3 anos, por exemplo, nota-se que elas tentam interagir com os objetos manipulando-os com todo o seu corpo, pois esta é uma necessidade natural do seu desenvolvimento, é preciso que nós professores estejamos atentos com relação as crianças em idade pré-escolar, pois assim como na primeira infância, os sentimentos predominam em todos os aspectos , dando cor e expressividade a essa vida. Uma criança pré-escolar não sabe dominar suas paixões, por esse motivo suas demonstrações dos sentimentos são muito mais impetuosas, sinceras e involuntárias do que no adulto, como afirma Mukhina (1998, p. 209): *Os sentimentos da criança brotam com força e brilho, para se apagarem em seguida; a alegria impetuosa é muitas vezes sucedida pelo choro.*

Continuando na visão dessa autora, a criança interioriza suas vivências principalmente pelo contato social com outras pessoas. Sendo assim, se seu circulo social a tratar com carinho, reconhecer seus direitos e se mostrar atencioso, a criança interiorizará um bem-estar emocional, sentindo-se segura e protegida. E, conforme Mukhina (1995, p.210), *O bem estar emocional ajuda o desenvolvimento normal da personalidade da criança e a formação de qualidades que a tornam positiva, fazendo-a mostrar-se benevolente com outras pessoas.*

Já Saltini refere-se à questão da manutenção da serenidade por parte da professora e da criança da seguinte forma:

*A serenidade e a paciência do educador, mesmo em situações difíceis faz parte da paz que a criança necessita. Observar a ansiedade, a perda de controle e a instabilidade de humor, vai assegurar à criança ser o continente de seus próprios conflitos e raivas, sem explodir, elaborando-os sozinha ou em conjunto com o educador. A serenidade faz parte do conjunto de sensações e percepções que garantem a elaboração de nossas raivas e conflitos. Ela conduz ao conhecimento de si mesmo, tanto do educador quando da criança.*

(SALTINI, 1997, p. 91).

Cabe a nós professores obtermos a consciência do quão importante são estes momentos para a criança em formação, se assim o fizermos com certeza repensaremos sobre muitas de nossas ações cotidianas.

#### 4. Eu, minhas práticas pedagógicas e o PROESF

Atualmente podemos verificar que a formação profissional de um educador precisa promover espaços para o diálogo entre todas as instâncias envolvidas na educação, principalmente quando se trata da Educação Infantil. Tenho trabalhado como educadora de creche a sete anos, e se tratando do crescimento educacional, o que vejo são pingos de água no oceano, o crescimento é lento, mas após o início do curso mudei em muito minhas concepções de Educação Infantil, deixei de ver a educação na creche como simples ação de cuidar, após seis valiosos semestres no PROESF percebi que a principal atividade que caracteriza o trabalho nas creches precisa ser revista e considerada tanto no sentido de encarregar-se do outro, quanto de observar, refletir, pensar.

Para embasar minha mudança de atitude perante minha prática na creche cito os parâmetros para o currículo da Educação Infantil, editado pelo Ministério da Educação, em 1998, como um documento normatizador – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – este documento propõe que as ações de educar e cuidar crianças de zero a seis anos são indissociáveis, como podemos verificar na seguinte definição sobre o que se considera educar em creche e pré-escola:

*(...) educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis. (RCN/I, 1998, 23).*

Como podemos verificar no trecho citado acima, a afetividade está ligada a todo o processo de aprendizagem, principalmente na Educação Infantil, por esse dediquei meu memorial a esse tema.

Minha formação profissional se deu de forma muito natural, mas lembro-me bem de não me sentir preparada para lecionar e educar, meus medos sempre prevaleceram perante meus desejos. Porém agora sinto que tenho plenas condições para exercer minha profissão, pois, no PROESF aprendi a compreender o significado e o sentido de minhas práticas, repensando a dinâmica das relações presentes nas instituições educacionais, no contexto atual de nossa sociedade.

## CONCLUSÃO

Concluo então que para nós professores, que estamos diretamente ligados com a educação, a afetividade é de primordial importância, pois todo professor que tem o trabalho fundamentado no respeito, no afeto, na responsabilidade para com o próximo, tem o respeito de seus alunos, bom professor não é aquele cuja classe fica em silêncio por medo, e sim aquele que demonstra a seus alunos que o respeito é a principal obrigação de quem vive em sociedade, sem impor esse fato e sim servindo de exemplo e conquistando seus alunos, assim a sala de aula permanece em silêncio, não absoluto pois é impossível, mas naturalmente, em respeito ao seu professor. Essa é a melhor recompensa de um professor que baseia seus atos no amor pelo seu trabalho e na afetividade.

A igualdade de tratamento para com todos os alunos precisa ser sempre mantida e explicitada, sendo assim nenhuma criança se sentirá perseguida ou amada em demasia. É preciso observar, neste sentido, que a opinião de cada criança tem o mesmo respeito e valor, sem ressaltar o feito de alguma criança ou compará-la com outra, nem salientar diferenças entre meninos e meninas em brincadeiras e jogos, pois isto seria prejudicial ao desenvolvimento afetivo sadio.

Assim, para que a criança tenha um desenvolvimento saudável e adequado dentro do ambiente escolar, e conseqüentemente no social, é necessário que haja um estabelecimento de relações interpessoais positivas, como aceitação e apoio, possibilitando assim o sucesso dos objetivos educativos.

Na condição de educadores, precisamos estar atentos ao fato de que, devemos trabalhar afetivamente com nossos alunos, obviamente isso não significa fazer “vistas grossas” com relação aos erros da criança, pois a advertência segura e equilibrada é justamente uma manifestação das mais importantes da afetividade, pois a evolução da inteligência constrói a afetividade e a afetividade constrói a inteligência. Ou seja, para cada etapa do desenvolvimento há diferentes formas de trabalhar o afetivo e o cognitivo.

Termino esse memorial explicitando que está, portanto, mais do que evidenciada por estudiosos, pesquisadores e especialistas, neste memorial citados, que a necessidade de se cuidar do aspecto afetivo no processo ensino aprendizagem é de extrema importância, levando em conta que a criança é diferente, cognitiva e afetivamente falando, em cada fase do seu desenvolvimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, MEC/SEF/DPE/Coedi.1998
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9394/96, Brasília. 1996
- DANTAS, H. **A infância da razão**. São Paulo : Manole,1990.
- DANTAS, P. **Para conhecer Wallon: uma psicologia dialética**. São Paulo: Brasiliense,1983.
- DICIONÁRIO AURÉLIO. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Editora Nova Fronteira. 1994.
- LA TAILLE, Y. de et al. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.
- MUKHINA, V. **Psicologia da idade pré-escolar**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- ROCHA, E. A. C. **A Pesquisa em educação infantil no Brasil: a trajetória recente e a perspectiva da consolidação da pedagogia**. Florianópolis, SC, UFSC, Centro de Ciências da Educação, Núcleo de Publicações.(1999)
- SALTINI, C. J. P. **Afetividade & inteligência**. Rio de Janeiro: DPA, 1997